

Amazônia ainda desafia cientistas

Seminário reúne 164 biólogos de todo o mundo e propõe ações a serem adotadas para proteger a fauna e flora da região

Andrei Soares
Enviado Especial

Macapá — Com relação à diversidade de espécies animais e vegetais, especialmente da Amazônia, o Brasil tem muito que pesquisar para conhecê-la melhor. É o que indicam os primeiros trabalhos do *Seminário Biodiversidade da Amazônia Legal*. Aberto na segunda-feira à noite, o encontro reúne 164 biólogos, geólogos, agrônomos, sociólogos, economistas e outros estudiosos até o

sábado na capital amapaense.

Vindos de vários países, os especialistas compartilham a difícil tarefa de traçar uma estratégia governamental para proteger os animais e plantas amazônicas da devastação causada pelo bicho-homem. Mais do que uma iniciativa isolada, o seminário atende a um compromisso estabelecido pelo país há sete anos no Rio, durante a Convenção da Biodiversidade — a Eco-92.

Trata-se de uma tarefa delicada. Afinal, a Amazônia Legal não é imensa apenas no que diz res-

peito a seu território de cinco milhões de quilômetros quadrados. É também de uma vasta diversificação interna. Além de algumas áreas densamente povoadas, há cinco tipos diferentes de floresta, planaltos, planícies e até o cerrado — que responde por 40% da região.

Para chegar a uma estratégia de preservação, os especialistas reuniram-se em 12 grupos dedicados a temas biológicos ou sócio-econômicos específicos, da proteção de aves à geração de oportunidades econômicas. Depois de consultar 21 mapas temáticos, entre outras fontes, cada equipe elaborou uma lista de áreas prioritárias.

Agora, as listas estão sendo reunidas e sobrepostas para chegar a um mapa conjunto de áreas

prioritárias de proteção. Acompanhado de diversas sugestões com estratégias de preservação, este documento será usado pelo Programa Nacional de Diversidade Biológica (Pro-nabio) para orientar os esforços em preservar a região.

Mas a Amazônia ainda é um mistério, apesar dos esforços dos cientistas. Aliás, uma reclamação recorrente no seminário é a falta de dados sobre a região. Falta dinheiro e

“PRECISAMOS DE PROGRAMAS PARA DESCOBRIR QUAIS ÁREAS AINDA PRECISAM SER INVENTARIADAS. TEMOS CAPACIDADE TÉCNICA PARA ISSO”

Maria Nazareth da Silva,
bióloga do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (Inpa)

Nazareth da Silva, do Instituto Nacional de Pesquisas Amazônicas (Inpa), lembrando que a falta de informação foi diagnosticada há nove anos durante

pesquisador. Sobra floresta. Sobra bicho. A escassez de informação é duplamente grave nas áreas não-ribeirinhas, mais distantes dos rios que costumam transportar os estudiosos.

“Às vezes, temos que recorrer à intuição”, explica a bióloga Maria

uma conferência em Manaus.

“Precisamos de programas para descobrir quais áreas ainda precisam ser inventariadas. Temos no país capacidade técnica para fazer isso”, acrescenta. Sintomaticamente, cerca de 70% da Amazônia nunca foram inventariados na busca por novos tipos de aves. E, ainda que não haja dados mais exatos, acredita-se que essa proporção seja ainda maior no caso dos mamíferos.

É o caso dos chamados primatas. Descobrimo em média um novo tipo de macaco por ano, os cientistas já catalogaram 65 espécies na região, 22 delas ameaçadas de extinção. “As pessoas imaginam que estes animais estão distribuídos por toda a Amazônia, o que não é verdade”, afirma o biólogo Anthony Rylands.

INSTITUTO
SOCIOAMBIENTAL
Documentação
Fonte: CB
Data: 23/9/99
Class: 1001
Pg: 17

INSTITUTO	
	
Documentação	
SOCIOAMBIENTAL	
Fonte	CB
Data	23/9/99 Pg 17 cont.
Class.	102

Brincando de Deus

Com tantas espécies tão ameaçadas, surge a preocupante pergunta: como escolher quais delas serão prioritárias? “Além de recuperar as áreas ameaçadas, é necessário proteger também aquelas que ainda não foram muito afetadas pela ação predatória do homem”, explica o biólogo Anthony Rylands, professor da Universidade Federal de Minas Gerais. “No fundo, sabemos que não dá para salvar tudo. É quase como brincar de Deus.”

É uma brincadeira é embasada. “Além de reunir um conjunto diverso de especialistas, juntamos um imenso volume de informações”, garante o biólogo João Paulo Capobianco, coordenador do Instituto Socioambiental (ISA) — organização não-governamental encarregada pelo governo de organizar o evento. “Agora, também vamos mapear os vazios de informação.” Algumas espécies são muito localizadas. Outras existem apenas entre dois rios espe-

cíficos de determinada região ou em uma das margens de um único rio amazônico.

Ou seja, além de propor uma estratégia para conservar, explorar e dividir a riqueza biológica da Amazônia, o seminário também terá que identificar as regiões que mais precisam ser visitadas e inventariadas pelos cientistas. Para se conhecer, o Brasil ainda precisa saber o quanto se desconhece.

A preservação da riqueza biológica da Amazônia não é a única preocupação dos cientistas. Eles estão preocupados, também, com o círculo vicioso do ressecamento do solo e dos megaincêndios, que ameaçam tirar da Amazônia a condição de pulmão da terra. O alerta foi feito durante o seminário pelos pesquisadores Paulo Moutinho e Daniel Nepstad, do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (Ipam). (AS)

■ O repórter viajou a Macapá a convite da coordenação do seminário